

CARTAS: POLÍTICAS DISSIDENTES DE ESCRITA NA UNIVERSIDADE

Letters: dissident politics of writing care in the university

Cartas: Políticas disidentes de la escritura en la universidad

Flávia Fernandes de Carvalho¹
Rafael Siqueira de Guimarães²

DOI: doi.org/10.31501/esf.v2i36.16824

Resumo: Este artigo debate sobre cartas como política dissidente de escrita ao formalismo acadêmico. Tendo como referência epistemológica o sul global, as análises teóricas se inspiram em movimentos contra coloniais e feministas, refletindo sobre as noções conceituais de experiência, fronteira, marcas da memória e ficcionalização. Conclui-se que a presença de cartas no cenário universitário assume uma posição disruptiva, ao colocar em evidência e diálogo saberes tidos comumente como menores.

Palavras-chave: Cartas. Experiência. Fronteira. Marcas da memória. Ficcionalização.

Abstract: This article discusses letters as a dissident politics of writing in opposition to academic formalism. Using the Global South as an epistemological framework, the theoretical analyses draw inspiration from anti-colonial and feminist movements, reflecting on the conceptual notions of experience, border, traces of memory, and fictionalization. It concludes that the presence of letters in the university setting assumes a disruptive position, highlighting and fostering dialogue with knowledge commonly considered less important.

Keywords: Letters. Experience. Border. Traces of memory. Fictionalization.

Resumen: Este artículo analiza las cartas como una política disidente de la escritura contra el formalismo académico. Utilizando el Sur Global como marco epistemológico, los análisis teóricos se inspiran en los movimientos anticoloniales y feministas, reflexionando sobre las nociones conceptuales de experiencia, frontera, marcas de memoria y ficcionalización. Concluye que la presencia de las cartas en el ámbito universitario asume una posición disruptiva, resaltando y fomentando el diálogo con saberes comúnmente considerados menos importantes.

Palabras-clave: Cartas. Experiencia. Frontera. Rastros de memoria. Ficcionalización.

¹Doutora; Universidade Estadual de Londrina, Londrina - PR, Brasil. fcarvalhaes@uel.br | <http://orcid.org/0009-0005-3514-4447>

²Doutor; Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei - MG, Brasil. rafaorlando@ufsj.edu.br | <http://orcid.org/0000-0001-9864-9825>.

Este artigo compartilha algumas reflexões que emergiram de minha pesquisa de pós-doutorado, bem como de leituras e debates que circularam na disciplina *Escritas de si*, ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto. Analiso, mais especificamente, sobre como uma política de escrita dissidente ao formalismo acadêmico, que coloca em evidência e circulação memórias comumente silenciadas. Ainda que eu decida escrever esse artigo em primeira pessoa, não reivindico uma autoria que se afirma como individual, sendo esta produção coletiva. Deste modo, os debates foram também articulados em diálogo com o coautor do texto, um pesquisador aliado nos processos de criação e circulação de políticas dissidentes de escrita.

Parto do pressuposto que a presença de cartas no cenário universitário assume uma posição disruptiva, ao colocar em evidência e diálogo saberes tidos comumente como menores, como, por exemplo, o prazer da escrita aliada aos relatos de autohistórias (Anzaldúa, 2021) e de miudezas que compõem nossas vidas. Destaco, contudo, que há diferentes modalidades de escrita de cartas, a depender do momento histórico e contexto. Então, me refiro a uma perspectiva específica de escrita, que será detalhada ao longo do texto.

Tenho aprendido com Glória Anzaldúa (2009), Patrícia Hill Collins (2019), Jota Mombaça (2021) e Nego Bispo (2023) sobre a importância dos processos de auto nomeação, como um modo de eu politizar minha existência e de reconhecer minhas marcas e (im)possibilidades. Logo, na insistência em romper alguns adestramentos que marcam meu corpo, produzir saberes autodefinidos sobre minha trajetória e ocupar de modo singular a “guerra de denominações” (Bispo, 2023, p. 13) que constitui a realidade, relato que me reconheço como uma mulher que escreve cartas desde a infância. Me nomeio

também como uma mulher branca, cis, bissexual, filha de duas gerações de mulheres bordadeiras, leitora de literatura nas noites de insônia e mãe de um menino que gosta de sorrir e de dragões. Sou ainda um “corpo de margens permeáveis e minha subversão é da ordem da sutileza” (Stubs, 2019, p. 133).

Considerando as reverberações desses marcadores na minha escrita, entendo que quando estes são pensados de modo isolado, não me definem. Afirmando minha relação amorosa com Natalina Soledad, uma das mulheres que compõem a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* de Evaristo (2020) e que criou para si seu próprio nome. Prefiro, então, me imaginar na relação com a consciência *mestiza* de Anzaldúa (2021) e me definir como alguém que desde muito cedo se reconhece e se experimenta nas fronteiras, em relação cambiante como a vida.

Tive ao longo da vida dois endereçamentos privilegiados de minhas cartas. Minha avó e meu pai. Trocávamos cartas para criar rastros de intimidade, vestígios de informações e de memórias, para transpor fronteiras e tecer relações de cuidado, afinal, “cuidado, não é troca, é compartilhamento” (Bispo, 2023, p. 36). Eu esperava ansiosa o carteiro pela manhã na esperança de receber uma carta com o remetente “vovó Regina de Carvalhaes”. Esperava também as cartas deixadas pelo meu pai nos cantos do meu cotidiano, embaixo do travesseiro, dentro de um livro, na gaveta da escrivaninha, todas, sem exceção, datilografadas em sua máquina Olivetti, com um cheiro tímido de cigarro plaza e a mesma frase final: “*voa meu passarinho, voa porque sabes voar para a vida*”.

Parei de escrever cartas no início dos estudos para o vestibular e só me reencontrei com estas praticamente em 2020, um ano antes de eu estilhaçar. Uma pressa em meio aos ditames acadêmicos interditou o tempo necessário em minha vida para escrita de cartas, o que me custou a pele. Nos últimos anos voltei a escrevê-las para respirar, borrifar encantamentos, me cuidar, cultivar sutilezas,

revisitar minhas marcas da memória, e, sobretudo, para assumir uma “ética da existência a desobediência à normalidade social” (Mombaça, 2021, p. 73).

Como docente de cursos de graduação e pós-graduação de uma universidade pública, pautada na importância de que a ciência se afirme como multilíngue e a favor da diversidade, tenho trabalhado com cartas como trilhas didáticas e metodológicas, afinal, estas articulam espaços de convívio, comunidades de partilha e escritas em composição (Battistelli, 2022). Venho me experimentando como professora e pesquisadora que reivindica as cartas como estratégia de intervenção e produção de conhecimentos e também como um modo de me demorar nas conversas.

Neste sentido, venho orientando nos últimos anos pesquisas de iniciação científica e mestrado, bem como atividades de estágio, extensão, aulas e participação em congressos e bancas por meio da escrita e leitura de cartas. Este percurso me convida a criar outras maneiras de me relacionar e produzir ciência, afinal, assim como sinaliza Rufino (2019, p. 124), “não há virada epistemológica sem virada linguística”, logo, aposto que, através das cartas, teço uma artesanaria do escrever que, ainda que parcialmente, subverte, desobedece, e, sobretudo, encanta por meio da troca de “textos, afetos, planos, sonhos, e tudo mais que couber em uma conversa que se efetiva num tempo outro (no tempo alargado entre a escrita, a entrega e a possível resposta)” (Battistelli & Oliveira, 2021, p. 683).

Relato, ainda, que escrevo cartas nos últimos anos para que eu também possa ficar em silêncio e para romper velhos hábitos da academia. “Aqui, paro para pensar em ação, para escutar o movimento, rompo com os automatismos, cultivo uma atenção mais fina e me delicio com a lentidão” (Colla, 2019, p. 13-14). As cartas me trazem uma possibilidade de intimidade e conexão comigo que só alcanço quando estou em silêncio. Silêncio como companhia e como condição de trabalho e pesquisa.

Rolnik (1993) diz da importância do silêncio em seus processos de escrita. Silêncio que possibilita conexão com as marcas vivas que constituem nossa memória e que por vezes se desassossegam no encontro com a vida. Ainda assim, apesar da condição de silêncio, não reivindico autoria única na escrita de minhas cartas, afinal, estas são redigidas a partir dos encontros com outros, são endereçadas e esperam respostas. Sigo, então, em aliança com Battistelli (2022), que nos lembra sobre a importância de construirmos escritas povoadas.

Ainda sobre a escrita de cartas, partilho que as escrevo também por prazer, pois quando inicio sou tomada por uma alegria. “É como se a escrita deixasse o texto prenhe de ovos (...) e quanto mais denso um texto, ou seja, quanto mais movido pelas marcas, mais prenhe de ovos de linhas de tempo, mais eterna sua atualidade, maior seu brilho” (Rolnik, 1993, p. 246). Escrevo, então, para me proporcionar práticas de cuidado e de confiança, para que algumas “marcas feridas” não mais me obriguem a estilhaçar, “por que a escrita me salva da complacência que me amedronta. (...) Por que o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá” (Anzaldúa, 2000, p. 89).

Nesta perspectiva, entendo a escrita e partilha de cartas no cenário acadêmico como tecnologias que proporcionam cuidado e aumento da potência de vida. Escrever para respirar, pois,

a escrita tem um poder de tratamento em relação àquilo que chamo de “marcas feridas”. Refiro-me a marcas de experiências que produzem em nós um estado de enfraquecimento de nossa potência de agir que ultrapassa um certo limiar, uma espécie de intoxicação. Uma marca deste tipo permanece portadora de um veneno que pode a qualquer momento vir a se espalhar e contaminar tudo. Ora, a escrita, enquanto instrumento do pensamento, tem o poder de penetrar nestas marcas, anular seu veneno, e nos fazer recuperar nossa potência. (Rolnik, 1993, p. 247).

Assim, escrevo e partilho cartas para que eu possa também tentar reparar nas coisas, estar à espreita de meus rastros, desacostumar da pressa vertiginosa, farejar outras temporalidades mais

compassada com as marcas da memória que me habitam e experimentar outros enredos possíveis. A partir desses pressupostos, dou continuidade ao debate sobre cartas neste artigo em três momentos. Inicialmente, analiso a importância das cartas como políticas dissidentes de escrita que deslocam (tensionam) o pensamento acadêmico formal. Em seguida, situo as cartas como escritas articuladas para transitar entre lugares, vivências e lembranças, problematizando as noções teóricas de marcas da memória, experiência e fronteira. Por último, problematizo as cartas como dispositivos que ficcionalizam mundos outros, afinal, “a vida brota em todos os lugares” (Stubs, 2019, p. 35).

1 "Sou livre para o silêncio das formas e das cores"³

A circulação de cartas no cenário acadêmico implica em disrupturas das formas tradicionais de produção científica, pois possibilita a partilha de saberes de modos afetivos, pessoais e compartilhados. Exercício de escrita que convoca a presença e gera efeitos - reverberações. Neste cenário, as cartas se movimentam como rastros na mata, rotas não oficiais, não sendo comumente reconhecidas como saberes legítimos. Estas, portanto, fazem circular conhecimentos que se constroem nas trilhas, nas margens, nas fissuras, dando visibilidade para experiências e conhecimentos que são muitas vezes invalidados, proibidos e/ou diminuídos.

Na tentativa de contribuir na criação e afirmação de outros modos de articular o pensamento científico, opto por trabalhar com cartas por acreditar que a escrita criativa, pessoal, partilhada e sensível se articula em parceria a outros movimentos que insistem em desestabilizar modos normativos de produção pautados nos processos de colonialidade do saber (Grosfoguel, 2016).

³ (Barros, 2011).

A ordem global é constituída por saberes que são legitimados como verdades e que coexistem em disputa com conhecimentos que são comumente localizados como periféricos, falsos e/ou inferiores. Estes regimes de enunciação estão pautados em privilégios epistêmicos, que operam no controle de parte das produções científicas e desqualificam saberes que se posicionam como dissidentes (Grosfoguel, 2016). Logo, esta mesma matriz colonial de poder demarca constantemente saberes e modos de escrita que são considerados válidos e autênticos e outros que são diminuídos em sua importância, como, por exemplo, a escrita de cartas.

Na intenção de repensar essa engrenagem colonial e propor outras estratégias de produção de conhecimentos, me implico na alternativa de escrever cartas. Me inspiro, sobretudo, em Anzaldúa (2000, p. 235), quando a autora escreve uma carta às mulheres terceiro-mundistas, as convocando a não compactuarem com a escrita acadêmica formal:

Joguem fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso. Sintam seu caminho sem anteparos. Para alcançar mais pessoas, deve-se evocar as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas com sangue, pus e suor. Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel.

Cartas precipitam outras geografias sensoriais por meio de pessoalidades partilhadas (Batistelli e Oliveira, 2021), configurando uma política de escrita feminina (Anzaldúa, 2021; Diaz, 2016). Não me refiro aqui à materialidade biológica dos órgãos sexuais, mas a uma produção que tensiona e desloca uma lógica acadêmica masculinistas, culturalmente associada à razão, a objetividade e a impessoalidade. Nesta direção, tenho situado a importância das cartas como produção de

testemunhos e memórias não oficiais que se constroem a partir de histórias silenciadas, afinal, “lembrar é também inventar” (Stubs, 2019, p. 90). Escrever cartas, neste sentido, implica em um exercício crítico de revisitar experiências e marcas da memória, rever detalhes, criar outras narrativas. Registros de histórias miúdas para que estas não sejam apagadas e/ou esquecidas, pois esses silenciamentos são modos de controle e submissão daqueles nomeados socialmente como os/as Outros/as subalternizados/as.

Rufino (2019, p. 27) afirma que “há morte somente no esquecimento”, então, relembrar é uma estratégia política de ampliar possibilidades de vida. Assim, a importância das cartas também consiste em contar sobre marcas que compõem a história de alguém e/ou de um coletivo. Nesta perspectiva, o pesquisador Krenak (2020, p. 22) compartilha o que sentiu ao escrever uma carta sobre o bem viver:

Escrever esta carta, neste momento crítico das humanidades ou das pluralidades, como gosto mais de dizer, me fez desejar dançar para o céu, me fez querer a vida nessa plenitude e me fez, também, convidar você que está lendo estas palavras agora para cantar junto, para chamar a primavera, para vivermos juntos e bem.

Para os povos indígenas, a escrita de cartas assume funções simbólicas e de luta. Os pesquisadores Costa e Xucuru-Kariri (2020, p. 12) relatam que “há três décadas povos indígenas em diferentes regiões do Brasil escrevem cartas aos presidentes, governantes, juízes e demais autoridades que representam o bem comum na sociedade não-indígena”. Reivindico as cartas também nesta dimensão de luta contra um sistema extrativista de produção acadêmica que torna parte das vivências nas universidades áridas e asfixiantes.

Cartas fazem circular, portanto, experiências e memórias que são tornadas praticamente invisíveis nas texturas demográficas, geopolíticas, racializadas e genderizadas que constituem o sistema

do mundo colonial, em destaque neste artigo no cenário acadêmico. Deste modo, como uma política de escrita localizada como dissidente, as cartas registram e/ou criam saberes outros, afinal, “o mundo é grande e tem lugar para todo mundo. O mundo é redondo exatamente para as pessoas não se atropelarem” (Bispo, 2023, p. 54). Portanto, considero as cartas como escritas tecidas para transitar entre lugares, vivências e lembranças, o que remete a importância dos debates sobre as noções teóricas de marcas da memória, experiência e fronteira, articulado a seguir.

2 “Recordar é preciso, viver não é preciso”⁴

A escrita de cartas enlaça fios que evidenciam e constituem memórias, sendo estas produções individuais e coletivas. Nesta direção, Colla (2019, p.17) afirma que “as palavras têm memória e impulsionam nossa memória. Com elas vêm junto um gosto, um cheiro, uma lembrança. Denúncia de onde viemos”. Para Rolnik (1993), memórias são constituídas por marcas e não por fatos. Marcas que se constituem no encontro com o outro, impondo em nós estados inéditos, invisíveis e abertos a novas criações. As marcas não são arquivadas em nossos corpos como fotografias, estas estão vivas e se movimentam (proliferam) quando encontram ressonâncias, impondo novas conexões e diferenças. E o que o sujeito pode “é deixar-se estranhar pelas marcas que se fazem em seu corpo, é tentar criar sentido que permita sua existencialização - e quanto mais consegue fazê-lo, provavelmente maior é o grau de potência com que a vida se afirma em sua existência” (Rolnik, 1993, p. 242).

Marcas da memória são constituídas de modos inusitados e/ou abruptos nas experiências com os outros, sendo que estas não se referem apenas a fatos e/ou informações, afinal, passamos ao longo da vida por vivências que não são marcadas em nossos corpos como experiências. Logo, a

⁴(Evaristo, 2022).

“experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Larrosa, 2002, p. 21), ou seja, a possibilidade (inusitada) de que algo nos aconteça e nos marque na relação com o mundo. Experiências que se impõem de modo ininterrupto e que para acontecer requerem uma boa dose de lentidão para pensar, olhar, escutar, perceber e sentir. É preciso, portanto,

demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender à vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa, 2002, p. 24).

Por conseguinte, as marcas da memória que emergem das experiências que nos acontecem são necessariamente particulares, subjetivas, relativas, pessoais e contingentes. Ainda que muitas vezes determinados acontecimentos sejam comuns, e que ocorram convergências de sensações e relatos, as experiências que compõem nossas marcas são singulares e impossíveis de serem repetidas. Algumas experiências, portanto, implicam em marcas. Estas, quando encontram ressonâncias, como, por exemplo, na escrita e endereçamento de uma carta, se movimentam e nos impõe processos de reinvenção de si, inaugurando outras sensibilidades e modos de se relacionar consigo e com os outros. Deste modo, entendo que “escrever para mim é na maioria das vezes conduzido e exigido pelas marcas: dá para dizer que são as marcas que escrevem” (Rolnik, 1993, p. 9).

O exercício da escrita de cartas, então, me coloca em relação com marcas invisíveis que me habitam. Coloca as marcas em movimento. Cria (atualiza) novas marcas. Me deixo entranhar pelas marcas e tento escrever como as mulheres da minha família bordam para estar comigo e experimentar possibilidades outras. Em meio às velocidades a que somos convocados a todo momento na atualidade, a escrita de cartas nos exige paciência, exposição, intimidade e disposição para revisitar

marcas que nos compõem, afinal, assim como afirma Rodrigues (2017, p. 8), as cartas têm “o poder mágico de máquina do tempo”.

As cartas, mais especificamente as correspondências, estabelecem também uma relação fraterna de troca, conversação, confiança, intimidade, cumplicidade e comunhão, uma escrita que se articula para o outro, em busca do outro e que se materializa como um presente (Lejeune, 2008). Escrever para não estar só pois a carta fornece “(...) um atalho para si, passando pelo outro” (Diaz, 2016, p. 148). Neste viés, uma carta oferta rastros do corpo e da presença de quem escreveu, possibilitando um modo específico de estar na companhia do outro e uma breve compensação pela ausência do remetente.

Cartas criam, registram e partilham resquícios de memórias, convocando o olhar de quem recebe para quem escreve. Estas ofertam, de algum modo, um retrato provisório de quem escreve, sendo que este se articula em meio a improvisos, encenações e composições. Nesta perspectiva, Foucault (1983, p. 23) analisa que a carta é uma “abertura que se dá ao outro sobre si mesmo”, articulando um exercício de se exhibir e de confiar no destinatário, bem como de vivenciar práticas provisórias de invenção de si, afinal, uma carta possibilita uma “mudança de perspectiva de si sobre si em vista da exposição ao outro” (Diaz, 2016, p. 148).

A escrita de cartas reivindica, portanto, o sujeito da experiência ao invés do sujeito da informação/representação. Requer este como aquele que realmente prova, corre riscos, é atravessado por forças intensivas, se reconhece vulnerável ao que lhe ocorre. Há lugar para os acontecimentos no sujeito da experiência, lugar para criar-se como um “território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (Larrosa, 2002, p. 24).

A partir dessa escrita que assume um exercício de contágio, a escrita de cartas transgride, ainda que parcialmente, parâmetros civilizatórios dos processos de colonialidade do saber, desestabilizando narrativas oficiais e possibilitando o trânsito entre fronteiras. Enquanto criação ficcional e geopolítica, as fronteiras existem como espaços entre territórios, como interstícios que evidenciam a coexistência entre saberes e modos de vida plurais que se tensionam e se conectam, afinal, “o que seria uma conversa senão o produto de duas (ou mais) fronteiras que se encontram de mãos dadas?” (Battistelli, 2022, p. 77). Nesta perspectiva, Anzaldúa (2005) e Rufino (2019) analisam as fronteiras como lugares de questionamento do que é imposto, possibilitando, ainda que provisoriamente, deslocamentos e rupturas.

A noção de cartas que partilho, as localiza também como saberes que se constituem a partir de um pensamento de fronteira, ou seja, uma escrita que tensiona e desobedece racionalidades binárias que instituem em nossos modos de pensar uma separação entre razão e emoção, histórias oficiais e histórias menores, entre outros exemplos. Assim, me parece que a escrita e compartilhamento de cartas no âmbito acadêmico alarga demarcações normativas, pois a fronteira existe como “território movediço, elástico” (Bispo, 2023, p. 31) e possibilita a articulação de novas configurações.

Deste modo, a noção de fronteira no debate sobre cartas me parece fundamental, afinal, estas, necessariamente, são criadas para percorrer as aventuras (intensidades) do entre lugares, entre experiências, entre marcas da memória, tensionando o pensamento ocidental focado na razão, na objetividade e na impessoalidade. Em aliança a um pensamento (consciência) de fronteira, a escrita de cartas busca incluir ao invés de excluir, operar de modo pluralístico, desmontar dualidades, possibilitar confluências (Anzaldúa, 2005).

Por fim, destaco que a escrita de cartas possibilita também um modo de fabular mundos e alargar fios da memória, sendo que “combater o esquecimento é uma das principais armas contra o desencante do mundo” (Rufino, 2019, p. 16). Neste sentido, problematizo a seguir as cartas como dispositivos que também criam (ficcionalizam) realidades.

3 “Porque ela vai ser o que quis, inventando um lugar”⁵

Não decido escrever uma carta, esta tem vida própria e apenas me pede passagem quando é o momento de me habitar. A escrita emerge dos encontros que acontecem em minha vida e sinto em meu corpo quando uma carta insiste em mim. A experiência de escrita, comumente, me surpreende, pois, me obriga a experimentar um processo de (re)criação. Cartas dão passagem a uma polifonia de estilos de escrita. Nestas circulam relatos sérios, micronarrativas, reflexões, sonhos, confissões, divagações, confidências, brincadeiras, exames, entre outras redes discursivas (Diaz, 2016). Multidões heterogêneas de enunciados que possibilitam a circulação de vozes, textualidades e afetividades plurais, composições comumente interditas nos escritos acadêmicos formais.

Em consequência disso, não me estranha a circulação entre os séculos XVII e XIX de um questionamento se o gênero literário epistolar (escrita de cartas) é uma produção necessariamente feminina. Digo isso, pois, na história da escrita de cartas, sobretudo no século XIX, é notável uma presença marcante de mulheres brancas, que, ainda que se utilizando do anonimato de pseudônimos masculinos, encontraram nesta modalidade de escrita uma possibilidade de realizar uma travessia da cena privada (doméstica) para a cena pública (literária). Cartas estas que escapavam ao gênero habitual da escrita epistolar, pois questionavam obras literárias, representações ideológicas e acontecimentos

⁵(Velo, 1977).

históricos. Assim, “prisoneiras no espaço privado (familiar), excluídas da cidade, essas mulheres tomam a pena para exorcizar o isolamento e contestar sua nulidade social” (Diaz, 2016, p.206).

Para essas mulheres, a escrita de cartas se apresentou como um gesto de tomada da palavra e um modo de fazer esta circular de modo partilhado. Escritas que materializaram testemunhos de sofrimentos vivenciados por muitas mulheres nos espaços domésticos-familiares, sendo as cartas uma estratégia para elas lidarem com o cotidiano isolado e melancólico, um campo de articulação e elaboração autobiográfica. Escrita e troca de cartas, portanto, que possibilitaram processos parciais de reinvenção das experiências e (im)possibilidades dessas mulheres, bem como a articulação de conexões entre elas.

As cartas também vêm sendo utilizadas como uma estratégia de resistência e expressão de mulheres subalternizadas negras como Françoise Ega (2021), que escreveu o livro “Cartas a uma negra” endereçadas à escritora brasileira e catadora de lixo Carolina Maria de Jesus. Nascida em 1920 na Martinica, em uma família composta por seis filhos, uma mãe costureira e um pai guarda-florestal que faleceu precocemente, Ega teve uma trajetória de vida marcada pelas experiências da pobreza e do racismo. Após a segunda guerra mundial, com o ensino médio completo e um curso de datilografia concluído, ela se muda para França, casa e tem cinco filhos. Apesar de sua formação, como a maior parte dos imigrantes, ela não conseguiu trabalho em sua área e passou a vida submetida a serviços precarizados. Apesar do racismo que a impediu de obter empregos desejados, ela encontrou na escrita um modo de relatar seu cotidiano invisibilizado de luta pelo pão nosso de cada dia, tendo produzido três romances (um publicado em vida e dois póstumos) e um pequeno conto natalino. Sua trajetória foi também marcada pela luta pelos direitos da comunidade negra e dos migrantes caribenhos em França.

Em suas obras literárias, são notáveis os debates sobre exploração, nacionalismo, alienação, racismo e machismo (Ega, 2021).

Fundamental ressaltar que a escrita de mulheres como Françoise Ega e Carolina Maria de Jesus expressa experiências de vida distintas das mulheres escritoras brancas. Suas escritas não se articularam como testemunhos do aprisionamento ao espaço privado e sim como depoimentos (intergeracionais e compartilhados por outras mulheres na mesma condição) das violências e humilhações cotidianas vivenciadas em suas condições de trabalhadoras precarizadas, negras, de classes populares, imigrantes, entre outras configurações existências. Relatos que sinalizam, inclusive, maus-tratos sofridos por patroas brancas. Logo na primeira carta que Françoise Ega escreve para Carolina, ela conta do que as une apesar do Atlântico:

Pois é, Carolina, as misérias dos pobres do mundo inteiro se parecem como irmãs. Todos lêem você por curiosidade, já eu jamais a lerei; tudo o que você escreveu, eu conheço, e tanto é assim que as outras pessoas, por mais indiferentes que sejam, ficam impressionadas com as suas palavras. (Ega, 2021, p. 5)

Nesta mesma perspectiva, apesar de trajetórias distintas, a filósofa e escritora Djamila Ribeiro (2021), em um processo de escrevivência, também publica um compilado de cartas (conversas imaginárias) para sua avó Antônia. Mãe de Erani, avó de Djamila e bisavó de Thuluane, a trajetória dessas quatro mulheres traduz, ainda que de modo singulares, contextos de opressão e racismo vivenciados por muitas mulheres negras no Brasil e que Djamila nos faz ver por meio de suas cartas. Escritas, portanto, marcadas pela diáspora, pela condição pauperizada, pela exaustão física e emocional, por processos de estigmatização, por pactos coloniais que, como denuncia Kilomba (2019), afirmam essas mulheres em posições objetificadas, como as outras que não podem falar e muito menos serem ouvidas. Contudo, são cartas também que possibilitam sonhar realidades outras para si e

para os seus, assim como quando Carolina Maria (2014) conta do dia que para novamente enganar a fome ficou admirando o céu e imaginando como poderia recortar um pedacinho deste para servir de tecido em um vestido que pretendia costurar.

Para mulheres como Jesus (2014), Evaristo (2017), Ribeiro (2021) e Ega (2021), a literatura se presentifica em suas vidas como um modo de não adoecerem. Criar e escrever como possibilidade de falarem de seus sentimentos, saírem de si, indagarem o mundo, inventarem realidades outras. Evaristo (2017, 22:38) afirma que a “literatura é a oportunidade que você tem de se agarrar à vida, por que você registra a vida, você inventa a vida, você discorda da vida”.

Deste modo, e inspirada nessas mulheres, ao estabelecer uma aliança com a ficção, mais especificamente com a escrita de cartas que se inspiram também na linguagem literária, questiono o que está instituído enquanto escrita acadêmica formal e busco o alargamento de possibilidades e o encantamento dos saberes (Rufino, 2019). Escrevo a partir de outros movimentos e possibilidades, afinal, “(...) é somente por meio da imaginação acerca do assim chamado impossível que podemos começar a concretamente construí-lo” (Imarisha, 2016, p.4).

Lamberti (2024) analisa que a ficção, a imaginação, a criação e a arte possibilitam outros modos de narrar, sentir, experienciar e partilhar realidades. Assim, me remeto a importância de aprendermos a sonhar com outras realidades. Ficcionalizar remete a assumir posição nas disputas de mundo que estão em evidência, um modo de reinventar a história através da ficção, criar outros possíveis a partir de saberes autodefinidos. Quando liberamos nossas imaginações questionamos o que está posto, pois, “nada acontece no mundo “real” a menos que aconteça primeiro nas imagens em nossas mentes” (Anzaldúa, 2005, p. 714).

Nesse cruzo entre realidade e ficção, me proponho nas cartas a articular uma escrita inventiva (e intensiva) que se constrói ao caminhar e na disponibilidade para reinvenção de si e do mundo. Sigo, então, fabulando histórias a partir da minha história e fazendo prevalecer outras verdades. Invento?

Sim invento, sem o menor pudor. Então, as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. (Evaristo, 2020, p.7).

Invento por meio de uma força de expansão, processo de cura, produção de intimidades e alegrias através da escrita. Talvez seja este o objetivo mais significativo deste debate - inventar saídas - outras possibilidades (abundantes) de viver e também de produzir ciência encantada (Rufino, 2019). (Re)contar por meio de cartas, portanto, como um ato de criação (Colla, 2019), um entremeio entre verdade e ficção, vivência e criação, vivência e escrita (Evaristo, 2022). Assim, registro nas minhas escrituras histórias não oficiais, miudezas da minha vida no flerte com a literatura e me lembro do conto *Olhos d'água* de Evaristo, quando a protagonista nos conta como lida com a fome:

(...) ficamos contemplando as artes das nuvens no céu. Umas viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço, que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também” (Evaristo, 2016, p.17).

Evaristo (2017) afirma que a ficção não tem um compromisso com a verdade e muitas vezes o discurso ficcional se articula cobrindo certas lacunas de nossas histórias individuais/coletivas. Ela analisa que o que a história hegemônica (ciência) não nos oferece, a literatura, mais especificamente a ficção, nos oferta de sobra. Nesta perspectiva, considero que “os enunciados políticos ou literários

fazem efeito no real” (Rancière, 2005, p. 59), sendo que a escrita de cartas no cenário acadêmico nos convida a experimentar a potencialidade subversiva dos processos de imaginar, criar e fazer circular outras narrativas.

Articular uma escrita acadêmica enamorada a ficcionalização implica também em considerar a própria linguagem como elemento crítico, criativo, transgressivo e que produz efeitos diversos (Rufino, 2019). Nesta perspectiva, situo que as cartas se constituem a partir de uma polifonia de vozes, múltiplas textualidades e criam mundos. Em parceria com Rufino (2019, p. 124), compreendo também que “uma virada epistemológica que seja antirracista e mire a descolonização haverá de ser, necessariamente, uma virada linguística, uma ação poética/política”. Sinalizo, ainda, que escrevo cartas nos circuitos acadêmicos para comprometer a escrita com a vida (Evaristo, 2020), para inventar uma escrita menor, me proporcionar rotas de cicatrização e também simplesmente porque

(...) gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosia esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executou, é a senha pela qual eu acesso o mundo. (Evaristo, 2005, p. 202).

Escrevo, ainda, para inscrever traços da vida enquanto sujeito e assumir uma posição ética, estética e política de insubordinação e transgressão da escrita acadêmica formal, excessivamente engessada e preocupada com a forma e com arquiteturas muitas vezes inapreensíveis e hierárquicas. Entendo que “a academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado”. (hooks, 2019, p. 273). Então, me inquieto em pensar modos mais sensoriais, vivos e sensíveis

de escrita acadêmica. Sonho uma universidade outra, em que escrever seja vivido também com desejo, prazer e alegria.

Assumir uma escrita que se reivindica menor me convoca também a me apropriar das críticas coloniais aos modos de produção daqueles nomeados como Outros. Logo, traço uma escrita específica, subjetiva, pessoal, parcial, inundada de minhas opiniões e experiências (Kilomba, 2019). Neste sentido, Lamberti (2024) afirma que a noção de ficção tensiona a lógica colonial binária que delimita verdade *versus* mentira. Ficcionalizar se refere a um processo de criação de outras narrativas, outras sensibilidades, afetações e perspectivas. Convoca ao exercício do imaginário e a possibilidade de delirar e desejar, de modo singular e/ou coletivo e compartilhado, realidades alternativas às hegemonias.

Situo, por fim, que ao me implicar com a escrita de cartas no cenário acadêmico, busco estabelecer alianças com línguas insubmissas que se movimentam entre lugares. Escrevo, principalmente, para tentar encontrar um lugar na universidade, para que eu possa sentar, aguardar e reencontrar minha alma perdida (Tokarczuk & Concejo, 2020). Me inspiro em João, um homem que trabalhava com muita pressa e sem descanso e que na correria esqueceu sua alma em algum lugar distante. Certa noite, em uma viagem de trabalho, João acordou sem ar e sem saber o próprio nome. Em virtude do ocorrido, teve que estar com uma sábia médica que lhe contou que a velocidade com que as almas se movimentam é muito menor do que a dos corpos e sugeriu que ele encontrasse um lugar para sentar e aguardar sua alma retornar. João, então, encontrou uma pequena casa e por meses aguardou. Após dias, semanas e meses de quietude e espera, a alma retornou e

desde então, eles viveram felizes para sempre, e João passou a prestar muita atenção para não fazer nada numa velocidade que sua alma não pudesse acompanhar. Ele ainda fez mais uma coisa: enterrou no

quintal todos os relógios e suas malas de viagem. Dos relógios nasceram belas flores coloridas, parecidas com campânulas, e das malas brotaram grandes abóboras com as quais João se alimentou durante todos os invernos tranquilos que se seguiram (Tokarczuk & Concejo, 2020, p. 38).

Outro dia, ao sentar para escrever uma carta para uma orientanda de mestrado, notei que uma criança alma me bisbilhotava pela janela. Finjo não a ver e aguardo que ela decida quando entrar em nossa casa e estar comigo. Enquanto espero, sinto uma brisa fresca entrando pela fresta da janela.

Referências

- Anzaldúa, G. (2021). *A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios*. Editora Bolha.
- Anzaldúa, G. (2009) Como domar uma língua selvagem. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, 39, 297-309.
- Anzaldúa, G. (2005). La consciencia de la mestiza. Rumo a uma nova consciência. *Estudos Feministas*, 13(3), 704-719. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300015>
- Anzaldúa, G. (2000). Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos Feministas*, 1, 229-236. Recuperado em 03 de março de 2026, de http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026x2000000100017&lng=pt&tlng=pt.
- Barros, M. (2011). *Poesia Completa*. Leya.
- Battistelli, B. (2022). *Entre cartas e conversas: por uma política de pesquisa feminista e contra-colonial para a Psicologia Social*. [Tese, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Acervo Digital de <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/264316>
- Batistelli, B & Oliveira, E. (2021). CARTAS: um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica. *Currículo sem fronteiras*, 21(2), 679-701. DOI: <http://dx.doi.org/10.35786/1645-1384.v21.n2.12>
- Bispo dos Santos, A. (2023) *A terra dá, a terra quer*. Ubu Editora.
- Colla, A. C. (2019). O corpo da palavra ou a palavra do corpo. *Rascunhos*. Uberlândia, 6(2), 8-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/RR-v6n2a2019-01>
- Collins, P. H. (2019). O poder da autodefinição. In H. B. Hollanda, *Pensamento feminista: conceitos fundamentais* (pp. 179-216). Bazar do tempo.
- Costa, S. L; Xucuru-Kariri, R. (Orgs) (2020). *Cartas para o bem viver*. Boto-cor-de-rosa livros arte e café.
- Diaz, B. (2016). Correspondência e escrita de si. In D. Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*. Tradução de Brigitte Hervot e Sandra Ferreira (pp. 141-225). EDUSP.
- Ega, F. (2021). *Cartas a uma negra*. Tradução de Vinicius Carneiro e Mathilde Moaty. Todavia
- Evaristo, C. (2005). Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In N. Moreira, & L. Scheneider (Orgs.), *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora*. (pp. 201-212) Ideia: Editora Universitária – UFPB.
- Evaristo, C. (2016). Olhos d'água. In C. Evaristo, *Olhos d'água* (pp. 11-13). Pallas: Fundação Biblioteca Nacional.

- Evaristo, C. (2017). Entrevista com Conceição Evaristo. [Vídeo]. *El País*, 28 jul. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wnB4YsSj1nA>. Acesso em: 13.11.2025.
- Evaristo, C. (2020). *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê.
- Evaristo, C. (2022). Poemas de Conceição Evaristo. *Revista da Pós-Graduação em Ciências Sociais*, 23(1), 121-128.
- Foucault, M. (1983). A escrita de si, *Corps écrit*, nº. 5: *L'autoportrait*.
- Grosfoguel, R. (2016) A Estrutura do Conhecimento nas Universidades Ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado* (online), 31(1), 25-49. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>
- hooks, b. (2019). *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Elefante.
- Imarisha, W. (2016). *Reescrevendo o futuro: Usando ficção científica para rever a justiça*. São Paulo: Bienal de São Paulo, Incerteza Viva, 32.
- Jesus, C. M. (2014). *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Editora Ática.
- Kilomba G. (2019). *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.
- Krenak, A. (2020). Cartas para o bem viver. In S. L. Costa & R. Xucuru-Kariri (Orgs). *Cartas para o bem viver* (pp. 20-22). Boto-cor-de-rosa livros arte e café.
- Larrosa, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. 19, 20-28. Recuperado em 03 de marzo de 2026, de http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782002000100003&lng=es&tlng=pt.
- Lejeune, P.(2008). *O pacto autobiográfico*. Editora UFMG.
- Lamberti, L. (2024). *Artes transformistas: metodologias, linguagens e ficções grotescas em bases pedagógicas transepistemológicas*. [Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá. Acervo Digital de <https://ppe.uem.br/teses-e-dissertacoes-1/2024-lua-lamberti-de-abreu.pdf>
- Mombaça, J. (2021). *Não vão nos matar agora*. Cobogó.
- Rancière, J. (2005). *A Partilha do Sensível: estética e política*. Trad. Mônica Costa Netto. EXO experimental org. ed. 34.
- Ribeiro, D. (2021). *Cartas para minha avó*. Companhia das letras.

- Rodrigues, S. (2017). *Cartas Brasileiras: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país*. Companhia das Letras.
- Rolnik, S. (1993). Pensamento, corpo e devir Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, 1(2), 241-251. <https://doi.org/10.2354/cs.v1i2.38134>
- Rufino, L. (2019). *Pedagogias das encruzilhadas*. Mórula Editorial.
- Stubs, R. (2019). *Devires de um corpo experiência*. Appris.
- Tokarczuk, O. & Concejo, J. (2020). *A alma perdida*. Tradução de Gabriel Borowski. Todavia.
- Veloso, C. (1977). Tigresa. *Bicho*. Philips Records